

**A LEITURA E A LEITURA DE CLÁSSICOS LITERÁRIOS: REFLEXÕES EM  
TEMPOS DE PANDEMIA**

***READING AND READING OF LITERARY CLASSICS: REFLECTIONS IN  
PANDEMIC TIMES***

**Esther Hermes Lück**

Universidade Federal Fluminense (UFF)  
Brasil

**Claudia Vanessa Bergamini**

Universidade Federal do Acre (UFAC)  
Brasil

**Submetido em: 29/05/2020**

**Aceito em: 01/06/2020**

**Publicado em: 12/10/2020**

**Licença:**



**Autor para correspondência:** Esther Hermes Lück

**Email:** luckesther@gmail.com

**ORCID:** <http://orcid.org/0000-0002-4595-1497>

**Como citar este artigo:**

LÜCK, Esther Hermes; BERGAMINI, Claudia Vanessa. A Leitura e a Leitura de Clássicos Literários: reflexões em tempos de pandemia. **REBECIN**, São Paulo, v. 7, número especial, p. 54-71, 2020. DOI: 10.24208/rebecin.v7iespecial.186

## RESUMO

Desde o início de 2020, ouve-se falar em COVID 19, e desde meados de março, iniciou-se um isolamento social ainda sem precedentes no Brasil. Diante disso, o homem terá de reaprender a viver em sociedade, repensando atitudes e valores por causa da pandemia que assola o mundo. Esse cenário motivou as reflexões suscitadas neste artigo, que visa discutir o valor da leitura da literatura clássica em tempos de pandemia e, ainda, refletir sobre o modo como os clássicos literários podem sugerir caminhos possíveis para compreender o momento de pandemia da COVID-19. Tendo em vista o fechamento de bibliotecas e de escolas, questiona-se ainda como o bibliotecário e o professor podem contribuir com seu compromisso social de mediador da leitura. A partir de um arcabouço teórico advindo dos Estudos Literários, da Biblioteconomia e da Sociologia, valeu-se de pesquisa bibliográfica para discorrer sobre as questões norteadoras deste estudo.

**Palavras-Chave:** Leitura; Literatura Clássica; Mediação.

## ABSTRACT

Since the beginning of 2020, people have heard of COVID 19, and since mid-March, has begun a social isolation that has never been preceded in Brazil. Therefore, man will have to relearn how-to live-in society, rethinking attitudes and values because of the pandemic that is plaguing the world. This scenario motivated the reflections raised in this article, which aims to discuss the value of reading classical literature in times of pandemic and, still, to reflect on how literary classics can suggest possible ways to understand the COVID-19 pandemic moment. In view of the closure of libraries and schools, it is also questioned how the librarian and the teacher can contribute to their social commitment to mediate reading. Based on a theoretical framework derived from Literary Studies, Librarianship and Sociology, was used bibliographic research to discuss the guiding questions of this study.

**Keywords:** Classical Literature; Mediation; Reading.

## 1 INTRODUÇÃO

O tempo é, paradoxalmente, amigo e inimigo do homem, da Arte e da Literatura. Se por um lado, ele propicia ao homem o ir e vir da memória em relação ao que não faz bem, não merece ser lembrado, mas pulsa dentro da mente; por outro, ele permite o amadurecimento para a vida a partir das experiências. O amadurecimento não muda o que foi, o que já está posto, mas possibilita olhar adiante e vislumbrar outras opções senão aquelas que não foram positivas. Quanto à Arte, o tempo é, de igual maneira, amigo e inimigo. Mantém aceso um conjunto vasto formado por um arcabouço cultural que envolve telas, esculturas, composições musicais e outras que unem letra e música, espetáculos de dança etc., e apaga outros tantos exemplos daquilo que um período histórico considerava Arte. No que diz respeito à Literatura, os valores que a concebem vêm e vão. Uma obra literária considerada como grande hoje, amanhã

pode não resistir ao tempo e desinteressar os leitores. Assim, o tempo não é outro a não ser o presente, aquele que pulsa, que define ações, que diz o que e como devem ser tomadas as decisões. Passado e futuro são evasão e servem ao homem como nostalgia do vivido ou desejo inabalável do porvir.

O presente tem exigido do homem mudanças radicais quanto a todos os hábitos que envolvem o cotidiano humano. A presença e o uso, cada vez mais constantes, de equipamentos eletrônicos conectados à Internet parecem ter sido os grandes causadores de mudanças de hábito neste século. No entanto, desde o início de 2020 se ouve falar em COVID-19, a doença provocada por uma versão, por assim dizer, muito mais resistente do Coronavírus. De ouvir falar que a doença assolava a China até vivenciar os males provocados por ela foi apenas uma questão de tempo. Rapidamente o brasileiro viu sua rotina transformada, os hábitos foram modificados e o viver teve de ser reaprendido.

É nesse contexto de transformações e face a essas constatações que algumas perguntas motivaram a produção das reflexões aqui tecidas, a saber: por que algumas obras literárias perpassam o tempo e seguem sendo lidas e relidas, ao passo que outras são fadadas ao esquecimento? Em um momento em que o homem reaprende a viver em sociedade, repensando atitudes e valores por causa da pandemia que assola o mundo, qual o valor da literatura clássica? De que modo a (re)leitura dos clássicos literários pode sugerir caminhos possíveis para compreender o momento de pandemia da COVID-19? Uma vez fechadas as bibliotecas, principalmente as públicas, e, assim, impossibilitadas de atender aos usuários, como o bibliotecário pode contribuir com seu compromisso social de mediador da leitura?

Essas questões apontam o objetivo principal deste artigo que consiste em discutir a persistência do tempo e da memória com relação a obras literárias clássicas. Para tanto, esse objetivo maior se desdobra em outros, pois exige: investigar a importância da leitura e o significado da literatura clássica como criação humana; expor a importância da literatura clássica para a formação integral do ser humano e, em especial, em momentos de crise; propor formas de o bibliotecário e o professor de literatura contribuírem para o enfrentamento da pandemia da COVID-19 a partir da (re)leitura dos clássicos literários.

## 2 O QUE SÃO OS CLÁSSICOS?

Em um dos ensaios de Ítalo Calvino (1993, p. 9), encontra-se a seguinte definição: 'Os clássicos são aqueles livros dos quais, em geral, se ouve dizer: *Estou relendo...* e nunca *Estou lendo...*' A assertiva volta-se muito mais a adultos, considerados grandes leitores, do que a adolescentes. Isso porque um jovem leitor terá na tenra idade o primeiro encontro com a leitura dos clássicos, enquanto o leitor adulto já revisitará a obra com outro olhar, a fim de buscar novas perspectivas.

Essa possibilidade de releitura não se sustenta em qualquer situação, não são todos os livros que resistem a uma segunda leitura, apenas a título de comparação, o mesmo ocorre com filmes, com espetáculos. A segunda leitura de uma obra é possível quando ela tem o que oferecer, quando ela não se esgota em um primeiro contato. Não se quer dizer que um jovem não possa reler uma obra. Porém, a juventude propicia ao ato de ler um sabor que pode ser encontrado também em outras experiências a serem descobertas. Dessa maneira, de forma geral, para o jovem, não há razão para reler o que já foi experienciado. Já o leitor adulto, com maturidade leitora, busca a apreciação de detalhes, busca o entendimento das teias que se formam no texto a partir de outros níveis, a extrair significados diferentes do que quando lera na juventude.

E quando se pensa em releitura, verifica-se que a literatura clássica é justo aquela que perpassa o tempo e não se coloca no paradoxo entre passado e futuro, ela é, pois, sempre presente. Não importa se o reencontro de Ulisses e Telêmaco ocorrera há, no mínimo, 2500 anos. Importa é que a narrativa ali presente trata de dramas humanos que se mantiveram com o tempo e, por isso, *Odisséia*, atribuída a Homero, é obra aclamada por todos os críticos como clássico literário universal. Não importa se a dor de Riobaldo, ao perder Diadorim, ambos personagens de *Grande Sertão: veredas* (1956), de João Guimarães Rosa, ocorrera no início do século em um rincão mineiro, importa que essa dor é de hoje e pode ser de qualquer leitor.

Os livros clássicos resistem ao tempo porque se configuram como riqueza para quem os leu, e de igual maneira são riqueza para quem não os tenha lido, mas se coloca a apreciá-los (CALVINO, 1993). A literatura clássica é aquela que deixa no leitor uma semente. Semente esta intrínseca ao leitor, ela fica lá guardada e, quando menos se espera, ela desabrocha face a um acontecimento. As narrativas ficam nas

dobras da memória, mimetizam-se com o inconsciente do leitor e um dia florescem. Dito de outra forma, a literatura clássica lida com situações humanas universais, com tensões, de modo que não é preciso vivenciar a morte de um filho para sentir a dor da mãe de Alzira em *Germinál* de Émile Zola, romancista francês.

Em *Germinál*, publicado em 1881, a rudeza da vida dos mineradores de carvão da França do século XIX é um caminho para que o leitor vivencie muito além da experiência com a palavra, com a leitura, haja vista que a obra remexe com as paixões<sup>1</sup> humanas, com o sofrimento, com a fome, com a angústia, com a desonestidade, com a desigualdade, com a maldade. São essas sensações que o leitor experimenta a partir da leitura. São essas sensações que o amadurecem, aguçam o seu senso crítico e a sua capacidade de hipotetizar situações.

O livro clássico é aquele que nunca termina de dizer o que tem a dizer (CALVINO, 1993) e quando se volta a Macondo de Gabriel García Márquez, constata-se a veracidade dessa fala. A vida de cada Buendía, em *Cem anos de solidão*, e o modo como desfrutam a vida ou nela padecem não podem ser compreendidos em uma única leitura. O livro perpassou já mais de cinco décadas, continua vivo e com muito a oferecer.

Uma obra literária, seja ela clássica ou contemporânea, não tem a pretensão de ser cura para as dores do mundo. No entanto, é certo que a leitura de um texto literário é uma forma de iluminar caminhos, ou seja, de permitir ao leitor vivenciar histórias, conhecer vidas, oportunizando a ele construir experiências. As narrativas contemplam dramas e tragédias humanos e, por isso, atraem e colocam o leitor em posição de empatia com o personagem e, por conseguinte, humanizam. E neste contexto em que o mundo pensa em sobrevivência e tem de conviver com mudanças em âmbitos variados da vida é que a leitura de textos clássicos da Literatura mundial oferece subsídios para agir e reagir, olhar para frente e enfrentar o que está posto. Afirma-se isso porque 'a fantasia quase nunca é pura. Ela se refere constantemente a alguma realidade: fenômeno natural, paisagem, sentimento, fato, desejo de explicação, costumes, problemas humanos' (CANDIDO, 1972, p.83). Dessa forma, surge a indagação sobre a relação entre fantasia – ora tratada como texto literário – e

---

<sup>1</sup> O termo 'paixões' foi empregado a partir de uma concepção semiótica, em que os discursos apresentam sentimentos que vão de desgostos a desejos, daquilo que é bom àquilo que é ruim no homem.

realidade – a vida em si – e o modo como se articulam, a fim de a fantasia servir de caminho para o entendimento da realidade.

Nesse passo, dois profissionais exercem papel essencial na vida do leitor, seja para incentivá-lo a fim de que leia, seja para auxiliá-lo quanto ao que ler: o bibliotecário e o professor de Literatura.

### 3 O BIBLIOTECÁRIO E O PROFESSOR DE LITERATURA

As autoras deste artigo falam a partir de duas situações empíricas. A primeira diz respeito a décadas de dedicação ao trabalho ligado à leitura de forma geral e à leitura de clássicos literários. Dessa maneira, fala-se na experiência de leitura das autoras enquanto professoras. A segunda situação aponta para um olhar analítico-reflexivo voltado ao contexto atual, em que se observam práticas sendo cambiadas por outras que tentam minimizar os efeitos da pandemia.

Desde março, tem-se assistido a um movimento que abrange a cultura como um todo nas redes sociais. A Pinacoteca de São Paulo teve um aumento quanto ao número de visitas na página. Além dela, museus importantes espalhados pelo mundo também ampliaram o número de visitantes online, citam-se *Art Institute of Chicago*, em Chicago; *Metropolitan Museum of Art*, em Nova Iorque; *Museu d'Orsay*, em Paris; *Museu da Acrópole*, na Grécia e outros tantos.

Quanto às bibliotecas, o acesso ao acervo eletrônico também cresceu. Ademais, constata-se a liberação de títulos, em formato *ebook*, que antes da pandemia só poderiam ser acessados a partir da compra. Vale comentar uma nota divulgada no site da Hemeroteca Digital, extraída do Jornal *O Globo*, em 11 de abril de 2020, na qual se lê:

Desde que o Brasil se recolheu em casa, manchetes de pandemias históricas ganharam as redes sociais. Cópias de páginas de jornais antigos, preservados nas hemerotecas de bibliotecas, passaram a frequentar nossas timelines com manchetes de momentos dramáticos de eventos como a gripe espanhola de 1918. Títulos como “O Rio é um vasto cemitério”, “O Centro vai se tornando cada vez mais triste” e até mesmo um singelo “Socorro” ecoam um passado cada dia mais familiar (O GLOBO, 11 abril de 2020).

Constata-se acima o interesse de internautas em jornais de outros períodos em que as pandemias também exigiram, em maior ou menor escala, mudanças na forma de ser e estar no mundo. Embora não se possa esclarecer qual o perfil do público que buscou essa informação, pode-se hipotetizar que o interesse recai em saber como

agiram, como viveram e o que fizeram as pessoas que passaram por situações similares, ou, ainda, buscar dados sobre ações para o enfrentamento da pandemia, haja vista que não é novidade dizer que, em muitos momentos da história, populações foram arrasadas por mortes em número acentuado. Pontua-se como significativa diferença no que tange às pandemias o fato de que hoje a evolução científica permite a prevenção, pois a ciência obtém e divulga informações de forma célere sobre riscos e cuidados, ao passo que, no passado, sequer se conheciam as causas de muitas doenças e o *modus operandi* delas.

Ainda no que tange às bibliotecas, vale dizer que o acervo digital há muito que está disponível, no entanto, a pandemia motivou que links fossem divulgados com maior intensidade via redes sociais o que, por sua vez, aumentou o número de acessos. Veja-se, a exemplo, um levantamento da PUC/PR, em Curitiba:

março registrou crescimento de 50% no volume de acessos à plataforma digital na comparação com o mesmo mês de 2019. A instituição contabilizou aproximadamente 90 mil clicks de leitores nas bases assinadas e a visualização de 423 mil páginas do acervo de e-books (BLEYER, 2020).

Beatriz Bleyer (2020), no mesmo texto, aponta que as bases de várias universidades inscritas no portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) liberaram periódicos para a comunidade acadêmica e com novidades, dentre elas, conteúdos de instituições de ensino como Yale, Harvard Business Review, Oxford University Press, Science Direct e Sage.

Aulas suspensas, acesso a conteúdo cultural apenas online, assim tem se construído o cenário deste primeiro semestre de 2020 e, parece, do ano como um todo. E bibliotecários e professores, em específico os de literatura, teriam que caminho a seguir?

O contexto é de novas práticas. Se a informação já viajava a toda a velocidade e chegava a muitos, hoje ela está ainda mais acessível. Com as escolas fechadas, o aluno tem muito mais tempo para ficar conectado às redes sociais e, em que pese o fato de nelas haver informação, pode-se dizer que há muito mais desinformação nestes canais.

Cabe também pontuar o que se pensa sobre o ato de ler na contemporaneidade. Nunca se leu tanto quanto agora. As pessoas acordam lendo e dormem lendo. A grande pergunta que se faz é: que tipo de leitura tem sido realizada?

Na verdade, vive-se um paradoxo. O número de leitores no Brasil continua tão reduzido quanto sempre foi. As pessoas passaram a ter acesso a textos escritos, passaram a receber com intensidade mensagens e informação, mas isso não torna ninguém leitor. São textos, não raras vezes, descontextualizados, como ocorre com fragmentos de poemas, contos e romances.

Dessa maneira, a criação de grupos de leitura<sup>2</sup> configura-se como experiência vivaz neste momento. Um grupo de leitura com regras para postagens, sem exageros que fujam do foco do grupo, pode propiciar aos participantes para além da experiência da leitura. Uma possibilidade seria escolher uma ou duas obras por mês, priorizando os livros consagrados pela crítica ou, sobretudo, os clássicos literários. Todos realizam a leitura e, a partir dela, são trocadas experiências, debatidas as percepções de cada um com relação às atitudes dos personagens, aos conflitos que envolvem o enredo, aos temores com que se deparam os personagens, de modo a permitir que todos os integrantes tenham voz, externem a opinião sobre o livro lido, bem como a forma como perceberam os acontecimentos do enredo.

A ficção traz muito da realidade, não para espelhá-la, mas para permitir que possamos mensurar todos os conflitos humanos e experienciá-los por meio da literatura. Wolfgang Iser (1996) apontou a interação entre leitor e texto, e as condições sob as quais o texto vai ganhando significado para o leitor. Iser (1996) aponta ainda que os vazios do texto vão sendo preenchidos pelo leitor que vai formulando sentidos e relacionando-os à sua realidade. Entende-se que é justo nessa formação de sentidos que a literatura clássica vai ao encontro das ansiedades e temores do leitor face à pandemia, haja vista que a literatura é produto do homem e, por certo, a leitura do texto literário o constrói. Dessa maneira, defende-se a literatura como caminho humanizador, capaz de cultivar no leitor sensibilidade e auxiliá-lo quanto à materialização dos sentimentos e emoções que são difíceis de expressar.

Quando se vê a impossibilidade de realizar atividades de leitura, seja na escola, em reuniões de grupos ou em bibliotecas, que permitam o contato físico, tem-se que

---

<sup>2</sup> Ressalta-se que uma das pesquisadoras mantém o grupo de leitura *Gente de Prosa*, do qual participam, aproximadamente, 60 alunos da Graduação em Letras da Universidade Federal do Acre. Não se trata de projeto de pesquisa ou extensão, o grupo tem o propósito de compartilhar experiências de leitura dos clássicos literários. Devido à Pandemia, os encontros mensais foram substituídos por conversas com horários específicos, em que todos participam, via WhatsApp, de discussões sobre a obra em tela.

buscar novos caminhos, e a tecnologia tem permitido trilhar por muitos deles. Assiste-se, nas últimas décadas, à ampliação da oferta de suportes digitais, ocorrida com a arquitetura Web 2.0, que intensificou os processos de divulgação das informações e suscitou novas maneiras e práticas de mediação do saber e de aprendizados nesse contexto virtual. Com as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), o bibliotecário consegue transpor os limites físicos e alcançar os usuários, ainda que estes não estejam presentes no ambiente da biblioteca, como exige o isolamento devido à COVID-19. Ele conhece os usuários de suas bibliotecas e pode se comunicar remotamente com eles, reinventando, assim, sua atuação de mediação de leitura no ambiente virtual. Conectados via Internet, ele pode compartilhar sinopses, resenhas, opiniões sobre livros, novos lançamentos, enfim, utilizar estratégias e recursos que incentivem a leitura e ampliem o público de seguidores dos serviços virtuais da biblioteca.

Os princípios de mediação de leitura nos espaços tradicionais como as bibliotecas e as escolas ganham, então, novos contornos. O bibliotecário, assim como o professor, incentiva novas práticas leitoras a partir do uso significativo da tecnologia. Vale a pena pontuar que esse direcionamento se faz basilar, porque muitas pessoas têm acesso à Internet, mas não sabem exatamente de que modo buscar livros ou mesmo onde encontrar material com conteúdo significativo. Nesse sentido, o bibliotecário e o professor podem auxiliar a selecionar informações, indicar caminhos para o acesso a bibliotecas virtuais, pois os espaços virtuais não se configuram como uma biblioteca convencional.

Teixeira e Costa (2016) realizaram uma pesquisa sobre as práticas de mediação de leitura desenvolvidas por *booktobers*, que são jovens que utilizam e compartilham informações sobre livros e interagem com outros leitores por meio do YouTube. Esclarecem as autoras que:

A organização desses grupos em plataformas digitais, como as redes sociais, por exemplo, amplia as possibilidades de agrupamentos colaborativos em um espaço virtual. Logo, observa-se que as dinâmicas nesse cenário contam com interfaces e recursos ampliadores de criações e produções. Em um universo de fãs conectados, que compartilham temáticas de interesse comum, as práticas de mediação de leitura consagradas são remodeladas em mecanismos e modos que evocam participação efetiva e interação. (TEIXEIRA; COSTA, 2016, p. 16-17).

Esta experiência é bastante interessante e pode ser utilizada por professores e bibliotecários para incentivar a leitura da literatura clássica. Por serem obras escritas por autores que retratam sociedades de épocas distintas, pertencentes a diferentes culturas, vale lembrar a postura de Gregorin Filho (2011), que afirma ser importante incentivar a leitura dos clássicos ao público escolar. O autor define os clássicos como obras que transcendem fronteiras culturais e:

Atravessam várias épocas mantendo a atualidade, quer em sua temática, quer como produto artístico cuja matéria é a palavra, representando valores e toda a complexidade de relações subjacentes às mais diversas sociedades. [...] A escola, como transmissora de cultura que é, deve incentivar a leitura dessas obras, mostrando aos jovens que a compreensão delas é o exercício da compreensão de si mesmo como indivíduos históricos (GREGORIN FILHO, 2011, p. 62-63).

Cabe ressaltar que um dos princípios elementares é a liberdade de o leitor escolher a sua leitura. Para tanto, Gregorin Filho (2011) reafirma que os clássicos fazem parte da cultura e que o oferecimento da sua leitura não pode ser negado aos alunos, mas defende que eles não são os únicos que devem estar presentes na escola. Outras obras contemporâneas são de igual importância. Pontua-se que as reflexões de Gregorin Filho dizem respeito ao contexto da sala de aula, no entanto, podem ser estendidas para o momento e o contexto em que se vive.

Petit (2010) defende que a descoberta do universo da leitura não acontece, na maioria das vezes, de forma espontânea. Na construção do gosto ou prática de leitura não é suficiente a simples proximidade física com os livros. Pontua, ainda, que:

Um conhecimento, um patrimônio cultural, uma biblioteca, podem ser letra morta se ninguém lhes der vida. Se a pessoa se sente pouco à vontade em aventurar-se na cultura letrada devido à sua origem social, ao seu distanciamento dos lugares do saber, a dimensão do encontro com um mediador, das trocas, das palavras “verdadeiras”, é essencial. (PETIT, 2010, p.154).

A mediação da leitura constitui-se, segundo Petit (2010), em prática capaz de ampliar o número de leitores por meio do estímulo à liberdade, compartilhamento, encantamento e abertura em relação aos livros. A autora afirma que:

[...] quando um jovem vem de um meio em que predomina o medo do livro, um mediador pode autorizar, legitimar, um desejo inseguro de ler ou aprender, ou até mesmo revelar esse desejo. E outros mediadores poderão em seguida acompanhar o leitor, em diferentes momentos de seu percurso (PETIT, 2010, p. 148)

A entrada no universo da leitura não tem que ser, necessariamente, movida por uma necessidade pragmática de aprender algo específico, nem é exclusiva dos mais dotados ou dos que possuem inclinações inatas. Petit (2010) critica a instrumentalização pedagógica da leitura literária que vai de encontro ao princípio da mediação, cujo objetivo é transmitir paixão pela leitura de modo libertário, despertando o desejo autêntico de ler e não o contrário, ou seja, fazer ler a qualquer custo.

Cabe ao mediador de leitura explorar os meios para estimular o gosto pela leitura dos clássicos, sem desconsiderar as particularidades do leitor, porque ler exige investimento, esforço e postura ativa.

Todavia, o que é gosto? Como se define?

Emprestar-se-á de Bourdieu (1983) o entendimento sobre gostos, quando ele propõe ser um conjunto de práticas (a exemplo de leitura, esporte, atividades de tempos livres etc.) e propriedades (como livros, quadros, móveis etc.) por meio dos quais o gosto se manifesta, gosto este operado por escolhas.

Para que haja gostos, é necessário que haja bens classificados, de 'bom' ou de 'mau' gosto, 'distintos' ou 'vulgares', classificados e no mesmo lance classificatórios, hierarquizados e hierarquizantes, e pessoas dotadas de princípios de classificações, de gostos, permitindo-lhes determinar entre esses bens aqueles que convêm, os que são 'a seu gosto' (BOURDIEU, 1983, 169).

Essa definição de gosto de Bourdieu remete a uma reflexão: quais determinantes estão implícitas nesta dita classificação dos gostos?

Bourdieu (1983) compreende que esse fenômeno se explica pela posição que os indivíduos ocupam na estrutura econômica e nos grupos com os quais eles se relacionam. Ou seja, as práticas e propriedades são modeladas por uma dada posição social que serve como modelo e define os estilos de vida. Portanto, as condições de existência determinam essa prática, que é mediada pelo que denominou de *habitus* que é um sistema de condicionamento inculcado e incorporado socialmente. *Habitus* é, então, um sistema de disposições que forjam as práticas (inculcadas e incorporadas), já que não são só criações individuais, mas também construções sociais. Esclarece, ainda, que o '*habitus* é, então, a estrutura social que, ao ser interiorizada pelo indivíduo, se transforma em estrutura mental. O *habitus* é aquilo que foi estruturado pela realidade exterior e que estrutura as práticas "interiormente" (BOURDIEU, 1983, 177).

A reflexão sobre a teoria de Bourdieu, embasada na sua concepção de *habitus*, permite sugerir uma sincronia entre as práticas (inculcadas e incorporadas) e o gosto pela leitura. Pode-se ir mais além, dizendo que o hábito de leitura é uma competência cultural, isto é, uma capacidade prática (inculcada e incorporada) em grande parte fruto do nível de instrução. Com efeito, a elevação do nível de escolaridade impacta na transformação das práticas culturais e na apropriação dos bens culturais dos indivíduos numa sociedade. O prolongamento da escolaridade não só produz essa transformação, como também contribui para a diminuição das desigualdades. No caso brasileiro, cabe uma crítica ao sistema de ensino que, ele próprio, produz e reproduz desigualdades sociais condenando o indivíduo, ao nascer em ambiente sociocultural desfavorável, à exclusão do mundo das práticas culturais mais amplas, da leitura entre elas, que poderiam lhe fornecer os instrumentos para a ascensão social.

Ora, com o nível de escolaridade reduzido e a qualidade do ensino deficiente, qual a chance de um indivíduo alterar sua condição social?

Permite-se fazer uma analogia entre o que Bourdieu (1998b) explicita como ideia de objetos nobres e objetos ignóbeis de pesquisa<sup>3</sup> com a ideia de gostos nobres e ignóbeis aplicados à leitura, ideia esta que encontra eco no capítulo “A metamorfose dos gostos” de seu livro (BOURDIEU, 1983). Ao admitir uma classificação de gostos, conforme citado anteriormente, impõe-se saber se a produção dos bens culturais (que antecedem os gostos) contribui para produzir gostos. O autor dirá que é uma questão de eficácia simbólica associada ao efeito da realização sob forma de um bem cultural produzido por alguém (por exemplo, o livro, representado aqui pela literatura clássica) que encontra sinergia em outrem que se reconhece, ou que se encanta, ou que se projeta, ou que se identifica quando escolhe um livro para ler. Daí, a importância que se dá ao prolongamento da escolaridade como uma condição necessária para que o indivíduo tenha um desenvolvimento intelectual e autonomia de pensamento que lhe

---

<sup>3</sup> Em seu texto “Método Científico e Hierarquia Social dos Objetos”, Bourdieu (1998) explica a relação existente entre as escolhas de objetos de pesquisa e a metodologia para estudá-los, e a hierarquia dos domínios, “... marcada pela distinção entre objetos nobres e objetos ignóbeis, ou entre maneiras nobres e maneiras ignóbeis [...] de tratá-los” (BOURDIEU, 1998, p.35). Esta classificação hierárquica orienta os interesses e investimentos intelectuais mediados pela estrutura das oportunidades de lucro material e simbólico. É por isso que a alocação dos interesses intelectuais dos pesquisadores leva em conta, consciente ou inconscientemente, a importância e o valor que são atribuídos ao seu tema de pesquisa.

habilite fazer escolhas que promovam o seu crescimento mental e espiritual, rumo à construção de sua emancipação enquanto sujeito histórico e agente social.

Portanto, Bourdieu (1983), ao chegar à definição de gostos compreendidos como o conjunto de práticas e propriedades elegíveis por uma pessoa, afirma que os gostos são o produto de um encontro (de uma harmonia estabelecida) entre bens e um gosto. Em outras palavras, a escolha de um bem cultural é determinada pelo gosto, que por sua vez encontrou identidade, reconheceu-se com o gosto de quem produziu aquele bem. Para clarificar a construção que ora se faz sobre a associação do gosto pela leitura dos clássicos com a definição de gostos em Bourdieu (1983), lança-se mão da seguinte citação:

Os gostos são produtos do encontro entre duas histórias: uma no estado objetivado [o livro] e a outra no estado incorporado [o leitor], que são objetivamente concordantes. Daí sem dúvida, uma das dimensões do milagre do encontro da obra de arte: descobrir uma coisa a seu gosto é descobrir-se, é descobrir o que se quer (“é exatamente o que eu queria”), o que se tinha a dizer e que não sabia dizer [...] (BOURDIEU, 1983, p. 170-171).

E complementa-se: “... o artista [o escritor] é alguém que é reconhecido como pelos que se reconhecem no que ele fez, reconhecendo no que ele fez o que eles próprios teriam feito se tivessem sabido fazê-lo” (BOURDIEU, 1983, p. 171).

Ao emprestar a ideia de *habitus* em Bourdieu para explorar sua conexão com a leitura e a leitura dos clássicos neste artigo, elaborado a partir do contexto da pandemia em que se está imerso, cabe lembrar que as associações aqui desenvolvidas têm sua raiz no conceito de capital cultural<sup>4</sup>, teorizado pelo sociólogo francês. Construído socialmente por meio de disposições estruturadas no contexto social, o capital cultural é adquirido individualmente, inicia-se no ambiente familiar,

---

<sup>4</sup> Capital cultural é produto do “investimento” realizado pelo indivíduo e acumulado durante sua vida, sendo fruto de um conjunto de situações existentes na estrutura social, no ambiente familiar, durante o percurso de aprendizagens realizado na e pela escola e pelas escolhas que realiza vida afora. Bourdieu (1998a) vai dizer que o capital cultural pode existir de três formas: no estado incorporado, no estado objetivado e no estado institucionalizado. No estado incorporado, o autor esclarece que a acumulação de capital cultural exige uma incorporação (não é hereditário, nem pode ser transmitido instantaneamente por alguém), que pressupõe um trabalho de inculcação e de assimilação realizado pelo indivíduo, o que implica tempo por ele, e só por ele, investido durante a sua vida. “O capital cultural é um ter que se tornou ser, uma propriedade que se fez corpo e tornou-se parte integrante da pessoa, um *habitus*. Aquele que o possui ‘pagou com sua própria pessoa’ e com aquilo que ele tem de mais pessoal, seu tempo. [...] Não pode ser acumulado para além de suas capacidades de apropriação de um agente singular; depaupera e morre com seu portador (com suas capacidades biológicas, sua memória etc.)” (BOURDIEU, 1998a, p. 74-75).

segue durante todo o percurso de aprendizagens realizado na e pela escola e continua com as escolhas que realiza vida afora. Portanto, a qualidade do ensino público e o prolongamento da escolaridade são condições indispensáveis para a construção do capital cultural dos indivíduos, principalmente daqueles, cujas condições materiais de existência lhes são desfavoráveis.

Não é pretensão, aqui, aprofundar essa ideia complexa, mas reveladora de que se reveste a teoria do *habitus* em Bourdieu, mas se acredita ter instado o leitor a pensar: o que a educação pode fazer para diminuir os efeitos dessa determinação implícita na constituição do gosto pela leitura? Mesmo sendo um processo individual, mas que se constrói no processo de socialização, o capital intelectual e, conseqüente, gosto pela leitura, são bens simbólicos, a saber, aquilo que o indivíduo adquire ao longo de sua vida.

Os hábitos adquiridos ao longo da vida fazem parte da história de cada indivíduo, e tais hábitos vão orientar as ações deste de forma durável. Para Bourdieu<sup>5</sup> (1983), portanto, o *habitus* enfatiza a dimensão de um aprendizado passado que vai implicar uma decisão futura. Nesse passo, entende-se que o leitor, seja ele aluno ou frequentador de uma biblioteca, pode encontrar no mediador, professor ou bibliotecário, o profissional capaz de lhe orientar quanto à escolha de leituras que podem contribuir para o processo de compreensão das esferas sociais, assim como para a construção das identidades individuais, em um momento em que as influências, antes generalizadas, de agentes formadores, a exemplo da tradição familiar, tem-se fragmentado. A mediação para a leitura, além de contribuir com a formação do leitor, amadurecem-no, no sentido de lhe proporcionar experiência, e esta adquirida a partir de ações que são fruto da própria experiência do leitor.

Isso posto, vale uma vez mais frisar que o clássico é um livro atemporal, que nunca termina de dizer aquilo que tem para dizer. A cada leitura percebe-se alguma coisa nova. São ricos em experiências humanas vividas e compartilhadas e proporcionam o diálogo entre a intimidade do leitor com o autor. E essa intimidade é

---

<sup>5</sup> Bourdieu (1983) problematiza o conceito de *habitus*, para ele, a interiorização, pelos atores, dos valores, normas e princípios sociais assegura a adequação entre as ações do sujeito e a realidade objetiva da sociedade como um todo. Aqui, o interesse recai em pensar o *habitus*, à luz de Bourdieu, como um conjunto de esquemas que presidem a escolha, um sistema de classificação que é anterior à ação.

sagrada. Permite o reconhecimento de seus próprios sentimentos ou situações que até então não se identificavam. São também as chaves para a compreensão de tipos humanos. Segundo Yepes e Echevarría (2005), o íntimo representa o mundo interior de cada pessoa, que somente é conhecido por ela própria. Esse íntimo - essa abertura para dentro da profundidade da alma - só poderá ser conhecido quando for exposto por meio da linguagem. É com liberdade que se escolhe abrir a intimidade à outra pessoa, e é ela que faz que cada um seja dono de suas escolhas.

Gasque (2008) afirma que o exercício do pensamento reflexivo liberta a pessoa da rede de sensações e desejos, desde que orientado por caminhos coerentes, pois sempre pode ensejar erros e enganos. O pensamento reflexivo fornece as condições para que se transcenda a ação puramente impulsiva por meio do método. A questão do método na formação de hábitos para a reflexão está relacionada com as condições oferecidas para despertar a curiosidade, 'como também preparar a partir de coisas experimentadas as conexões geradoras do fluxo de sugestões que, problematizadas, favorecem a consecução progressiva das ideias' (GASQUE, 2008, p.86).

Dewey (1979, *apud* GASQUE, 2008, p.85) ressalta que, quando as pessoas:

estão impregnadas da própria cultura que as cegam e sem uma visão ampla e compreensiva do todo, tendem a acreditar apenas no que se harmoniza com os seus desejos, não demonstrando independência de juízo. Portanto, não basta o conhecimento das melhores formas de pensar para poder aperfeiçoá-lo, assim como não há uma rotina de exercícios organizados para pensar corretamente, cuja execução repetida faça de alguém um bom pensador.

Resta claro que a leitura dos clássicos tem uma contribuição fundamental para o desenvolvimento do pensamento reflexivo. Além disso, o processo de pensamento reflexivo deve perdurar para a vida toda. Por esta razão ele deve ser um fim educacional. É tarefa da escola desenvolver nas crianças e jovens atitudes que contribuam para o pensamento reflexivo. Nessa idade, a curiosidade está à flor da pele, e o desejo intenso de sentir, ver, ouvir, experimentar algo novo ou desconhecido precisa ser aproveitado para que aprendam a questionar sobre o significado do que aprendem, sabendo discernir conhecimento de outras crenças.

Para Gasque (2008), Dewey se fundamenta na ideia de que o ato de pensar possibilita o próprio aperfeiçoamento do homem e enriquece os fenômenos e objetos que ele observa, conferindo-lhes sentido. Gasque (2008) conclui que:

Pensar é próprio do ser humano, mas nem todo pensamento garante a compreensão da totalidade das coisas [...] pois a necessidade de buscar as melhores soluções para os problemas da vida é ilimitada. Argumenta que os valores do pensamento reflexivo estão atrelados, entre outros, às ações conscientes e inteligentes, mediante processo metódico e voluntário que exige cultivar as atitudes favoráveis ao uso dos melhores métodos de investigação e verificação para o enriquecimento dos sentidos das coisas (GASQUE, 2008, p. 86).

Frente à assertiva de que o pensamento reflexivo é ato despertado pela leitura dos clássicos e, ainda, de que os valores do pensamento reflexivo estão atrelados de alguma forma a ações conscientes e inteligentes, constata-se que a leitura e aprendizagem se amalgamam.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A produção de referências culturais se faz necessária na formação identitária e cognitiva do ser humano. Não se pode negar que a escola tem um papel relevante nesse processo de formação, assim como também o tem as bibliotecas, representadas pela figura do bibliotecário, que assume o papel de mediador entre o livro e o leitor. Também não se pode negar, ainda que se possa discutir amplamente, o papel formador da literatura clássica no processo de amadurecimento do leitor.

E quando se está diante de uma pandemia que exige que se mantenham fechadas escolas, bibliotecas, museus, teatros, enfim, todos os instrumentos por meio dos quais o conhecimento cultural chega ao homem, o que fazer?

Acredita-se que, ao longo deste artigo, foram suscitadas situações que apontam para ações que vêm ocorrendo desde o início da pandemia, com vistas a oferecer caminhos para a apreciação da arte, da literatura, da cultura. Professores e bibliotecários têm em suas mãos instrumentos tecnológicos, por meio dos quais podem ser cambiadas experiências de leitura e discutidas possibilidades que permitem lidar com elementos da subjetividade a partir da experimentação do novo.

A defesa pela leitura da literatura clássica, justamente no momento em que o mundo enfrenta os desafios advindos da COVID-19, encontra respaldo na ideia de que os textos clássicos desafiam o leitor à compreensão de outros contextos, de outros pontos de vista em relação à vida, tal qual tem sido o momento atual.

Se a partir da leitura de um texto literário, tem-se a formação da identidade, que é única, singular, também se têm valores que se estendem ao coletivo e permitem ao leitor pensá-los e repensá-los, confrontando-os com a sua realidade.

## REFERÊNCIAS

BLEYER, Beatriz. Acesso a acervo online bate recorde e Biblioteca da PUCPR aumenta oferta de obras. **Cidades**. Coronavirus, 8 abr. 2020. Disponível em: <http://www.portalcomunicare.com.br/aceso-a-acervo-online-bate-recorde-e-biblioteca-da-pucpr-aumenta-oferta-de-obras/> Acesso em: 14 maio 2020.

BOURDIEU, Pierre. Metamorfose dos gostos. *In*: BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. *In*: NOGUEIRA, Maria Alice.; CATANI, Afrânio. **Escritos da educação**. Petrópolis: Vozes, 1998a. p. 71-79.

BOURDIEU, Pierre. Método científico e hierarquia social dos objetos. *In*: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. **Escritos da educação**. Petrópolis: Vozes, 1998b. p. 35-38.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos?** Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CÂNDIDO, Antônio. A literatura e a formação do homem. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v.24, n. 9, p. 803-809, set. 1972.

DOMINGUES, Ivan. **O fio e a trama**: reflexões sobre o tempo e a história. São Paulo: Iluminuras; Belo Horizonte: Ed.UFMG, 1966.

GREGORIN FILHO, Nicolau José. **Literatura juvenil**: adolescência, cultura e formação de leitores. São Paulo: Melhoramentos, 2011.

GREIMAS, Algirdas-Julien; FONTANILLE, Jacques. **Semiótica das paixões**. Dos estados de coisas aos estados de alma. São Paulo: Ática, 1993.

HEMEROTECA DIGITAL. Coronavírus: buscas por pandemias do passado movimentam bibliotecas virtuais. **O Globo**, 11 abr. 2020. Disponível em <https://www.bn.gov.br/acontece/links-de-midia/coronavirus-buscas-por-pandemias-passado-movimentam> Acesso em: 14 maio 2020.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**: Uma teoria do efeito estético. São Paulo: Editora 34, 1996. (vol. 1-2)

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura**. São Paulo: Editora 34, 2010.

TEIXEIRA, Claudia Souza; COSTA, Andressa Abraão. Movimento *booktobers*: práticas emergentes de mediação de leitura. **Texto livre**: linguagem e tecnologia. Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p. 13-31, jul./dez. 2016.

YEPES, Ricardo; ECHEVARRÍA, Javier Aranguren. **Fundamentos de Antropologia**: um ideal de excelência humana. São Paulo: Instituto brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio”, 2005.

ZOLA, Émile. **Germinal**. Tradução Francisco Bittencourt. São Paulo: Abril Cultural, 1979.